

# **Imagens do meio ambiente: possibilidades de construção de sentidos**

## **Images of the environment: possibilities of making meaning**

**Richard Alves**

UFRJ/Nutes

richard\_alves\_@hotmail.com

**Isabel Martins**

UFRJ/Nutes

isabelgmartins@gmail.com

### **Resumo**

Nesta investigação analisamos um exemplo de texto da mídia sobre meio ambiente que circulou no espaço escolar: o cartaz da campanha “A floresta não morre sozinha”, veiculada pela fundação SOS Mata Atlântica. Nossa análise seguiu uma orientação qualitativa e exploratória, e foi baseada em metodologias da Semiótica Social e em fundamentos da Educação Ambiental. Os resultados sugerem que as escolhas semióticas reforçam visões associadas à preservação e conservação do ambiente, não problematizam aspectos sociais, econômicos ou políticos envolvidos nas questões ambientais, nem estimulam uma reflexão crítica acerca do papel de indivíduos e instituições na questão do desmatamento.

**Palavras chave:** discurso, imagem, meio ambiente, multimodalidade

### **Abstract**

In this research we analyze an example of a media text about the environment, which has circulated in Brazilian schools: the poster image of the campaign "The forest does not die alone", published by the SOS Mata Atlântica foundation. Our analysis followed a qualitative and exploratory orientation, and was based on Social Semiotics methodologies and on Environmental Education. Results suggest that semiotic choices reinforce visions associated with the preservation and conservation of the environment, do not problematize social, economic or political aspects involved in environmental issues nor stimulate a critical reflection about the role played by individuals and institutions in the issue of deforestation.

**Key words:** speech, image, environment, multimodality

## **CONTEXTO, MARCO TEÓRICO E OBJETIVOS**

A interação entre linguagens verbal, visual, matemática, fílmica etc. se faz presente a todo tempo em nosso dia a dia, constituindo textos e discursos híbridos (LEMKE 1988; VIEIRA e SILVESTRE, 2015). Avanços tecnológicos permitiram tais textos multimodais, ou seja, que

articulam diferentes modos semióticos, alcançassem o grande público de forma rápida e abrangente. De acordo com perspectivas críticas para os estudos do discurso, tais textos não estão desvinculados de aspectos políticos, econômicos, sociais, ideológicos, culturais. Ao contrário, estabelecem-se por meio de relações dialéticas com a sociedade, (re)produzindo e (re)construindo sentidos. Por esta razão, abordagens críticas do discurso investigam efeitos sociais *nos* textos, assim como efeitos sociais *dos* textos.

Neste estudo, a partir deste olhar teórico, analisamos um exemplo de texto relacionado com questões ambientais, produzidos pelos meios de comunicação, mas que tipicamente circula nos contextos escolares e que correspondem à definição de Lemke (1988) de híbrido semiótico (LEMKE 1998). Consideramos que uma análise das escolhas e usos de diversos modos e recursos semióticos neste texto, associado a considerações sobre fatores conjunturais da sua produção, permitam compreender interesses, circunstâncias e sentidos para questões ambientais em contextos educacionais contemporâneos. Assim, elegemos a perspectiva teórica da Semiótica Social para identificar e analisar quais, como e porquê, elementos semióticos são mobilizados em um texto (FAIRCLOUGH, 2003, JEWITT e OYAMA, 2004; VAN LEEUWEN 2005, VIEIRA e SILVESTRE, 2015), situando nossas análises no contexto do debate atual sobre Educação Ambiental.

A Semiótica Social é uma linha investigativa que se preocupa com aspectos da produção e recepção de textos que envolvam múltiplos recursos semióticos e suas relações com culturas e ideologias na sociedade (VAN LEEUWEN, 2005). Os estudos sobre multimodalidade recuperam esta intenção e, em diálogo com a análise Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Michael Halliday, discutem aspectos relacionados à construção de sentidos em interações com textos que mobilizam diversos modos semióticos (KRESS e VAN LEEUWEN, 1996; JEWITT e OYAMA, 2004; SILVA e ALMEIDA, 2018). A Semiótica Social e a Multimodalidade têm sido a base de diversos estudos na área de Educação em Ciências (KRESS et al 2001; PICCINI e MARTINS, 2004; MARTINS et al, 2008) e representam importantes lentes teórico-metodológicas para analisar as semioses em seus contextos de produção, circulação e recepção em práticas sociais. Em nossas análises, faremos uso de um poderoso instrumento de análise multimodal, a Gramática do Design Visual, desenvolvida por Gunther Kress e Theo van Leeuwen (KRESS e VAN LEEUWEN, 1996).

Com base no reconhecimento do potencial de utilização educacional da imagem, buscamos uma articulação entre elementos do campo da Semiótica Social com fundamentos da Educação Ambiental (EA). Existem diferentes tendências no campo da Educação Ambiental desde perspectivas, das mais conservadoras às mais críticas, que conceituam o ambiente de forma distinta. Diante de uma política neoliberal globalizada, que explora os recursos naturais de forma vertiginosa, precisamos ficar atentos aos interesses que circundam na valorização de uma concepção ambiental ou de outra. O debate contemporâneo é marcado por apelos ao uso sustentável dos recursos naturais, da preservação da biodiversidade, logo, as questões ambientais não estão desvinculadas das questões sociais, políticas e econômicas e, nos contextos de produção capitalista, relacionam-se à exploração e à desigualdade. Por esta razão, as práticas ambientais precisam assumir o compromisso social com o pensamento crítico e reflexivo, preparando as pessoas para exercerem cidadania e lutarem por justiça social (GUIMARÃES 2018). Neste sentido, as práticas educativas podem contribuir com a produção e difusão dos conhecimentos sobre as questões ambientais, indo além do conteúdo curricular, promovendo problematizações e discussões que abarquem as diferentes relações de poder que mantêm desigualdades e injustiças socioambientais (MARTINS et al, 2008; COSENZA et al, 2014; ANDRADE e BOMFIM, 2018).

Com base nestas considerações, propomos uma investigação pautada nas seguintes perguntas: Que sentidos sobre ambiente são construídos na/pela imagem? Que possíveis discursos são mobilizados na/pela imagem? Como estes se relacionam com discursos do campo da Educação Ambiental?

Sendo assim, a relevância desta investigação está em desvelar, a partir da semiótica social e da EA, os sentidos expostos e velados que a imagem proposta encaminhava a seus leitores, buscando a partir das referidas lentes teóricas fortalecer processos críticos e reflexivos.

## METODOLOGIA

A abordagem utilizada nesta investigação é a qualitativa exploratória que, segundo Minayo (2017), é uma abordagem que se preocupa com o valor sociocultural expresso nas crenças, nos valores, nas representações, nas simbologias e nas práticas sociais, permitindo a compreensão de significações.

A imagem objeto da nossa investigação encontra-se disponível em: <http://comunicadores.info/2017/06/21/floresta-nunca-morre-sozinha/>, e foi criada pela agência DPZ&T Comunicações S.A, para campanha “A floresta nunca morre sozinha”, promovida pela SOS Mata Atlântica, uma organização não governamental que, de acordo com informações disponíveis no seu sítio, apresenta como missão, inspirar a sociedade na defesa da Mata Atlântica. Surgida na década de 1980, pela aproximação de cientistas, empresários, jornalistas e defensores ambientais, divulga dados a respeito de reduções no desmatamento, sugestões de ações que visam à diminuição de impactos ambientais, destacando apoios de uma ampla rede de amigos patrocinadores e empresas. Entretanto, em que pese os resultados apresentados em seu relatório de 2016, as ações sugeridas pela ONG são, de acordo com Andrade e Bomfim (2018) centradas principalmente na mudança de hábitos individuais que possuem pouco impacto nas questões ambientais e não problematizam, responsabilizam ou cobram ações transformadoras de empresas e indústrias, quanto aos desequilíbrios ambientais.

Assim, em nossa análise, exploramos nexos entre aspectos sociais e contextuais e aspectos semióticos orientados pelo dispositivo de análise sugerido por Jewitt e Oyama (2004) e Silva e Almeida (2018), baseado na Gramática do Design Visual (Quadro 1).

<b>GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL</b>	<b>METAFUNÇÕES</b>	<b>REPRESENTACIONAL</b> Caracteriza o participante representado em uma imagem – lugares, pessoas ou objetos.	<b>NARRATIVA</b>	<b>AÇÃO</b>
			Constituída a partir de ações indicadas por um vetor (linha vertical, diagonal horizontal), que serve para exibir modos de ação do participante na imagem.	O participante representado em uma imagem realiza a ação é o ator.
				<b>REAÇÃO</b>
				Quando a ação estabelecido na imagem é identificada, o participante representado dirige seu olhar a algo ou a alguém, neste caso, é o reator.
				<b>VERBAL</b>
			Quando há indicativo de fala do participante representado na narrativa visual utilizando balão representativo.	<b>MENTAL</b>
				Quando há indicativo do pensamento do participante representado na narrativa visual utilizando balão representativo.
				<b>CLASSIFICACIONAL</b>
			<b>CONCEITUAL</b>	O participante é exibido por meio de relação taxonômica, são definidas características, como, opressor e oprimido; homem e mulher, etc.
				<b>SIMBÓLICO</b>
O participante é representado pelo que é ou pelo que significa, por meio de destaque ao tamanho, iluminação, posicionamento, entre outros.				
Não há indicação de ação, mas sim, descrição de quem é o participante da imagem em sua essência.	<b>ANALÍTICO</b>			
	A relação entre participantes é representada por uma conexão estrutural que relaciona a parte com o todo.			

	<b>INTERATIVA</b> Identifica relações entre o participante da imagem e o leitor.	<b>CONTATO</b> Indica maior ou menor interação entre o participante representado na imagem e leitor por meio do olhar.
		<b>DISTANCIA</b> Indicada pelo tamanho da moldura e tipos de enquadramento, ou seja, maior distanciamento menor nível de interação com o leitor; menor distanciamento, mais intimidade.
		<b>PERSPECTIVA</b> Mostra o ator da imagem em ângulo frontal, oblíquo ou vertical, indicando relações de poder
		<b>MODALIDADE</b> A <b>contextualização</b> está relacionada a profundidade (tamanhos diferentes exibidos na imagem). A <b>iluminação</b> proporciona claridade ou escuridão a imagem. O <b>brilho</b> é a propriedade em que uma cor reflete mais que outra.
	<b>COMPOSICIONAL</b> Relacionado ao <i>layout</i> , como as semioses se articulam no visual	<b>VALOR INFORMATIVO</b> Quando os elementos visuais são apresentados considerando a horizontalidade, verticalidade ou centralidade.
		<b>ESTRUTURAÇÃO</b> Refere-se ao nível de conexão entre elementos da imagem, indicando o nível de relação entre os elementos conectados ou desconectados.
		<b>SALIÊNCIA</b> Destaque dado a certos elementos em relação a outros na imagem, considerando tamanho, cores, profundidade de foco, etc.

Tabela 1 – Dispositivo de análise. Fonte: Jewitt e Oyama (2004) e Silva e Almeida (2018)

A motivação para a escolha da imagem se deu pelo reconhecimento do seu potencial didático pelos professores de ciências de uma escola municipal em Teresópolis/RJ, onde atua um dos autores. Nosso dispositivo de análise considera que a utilização da linguagem - verbal e visual-, representa uma teia de discursos conectados e/ou interconectados, constituindo e se constituindo em um processo de retroalimentação que dá alicerce à organização da sociedade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No espaço gráfico encontramos elementos semióticos verbais e visuais. O principal elemento verbal é o próprio título da campanha “A floresta nunca morre sozinha”, acompanhado do logotipo da fundação que a promove, e do seu website <https://www.sosma.org.br>, no canto direito inferior da imagem. O título, que contém uma negação, alude à impossibilidade de considerar a floresta e os animais que nela vivem separadamente. Identifica-se com uma visão de ambiente na qual integram-se elementos da flora e da fauna e denuncia o iminente risco impostos pelo desmatamento aos animais nativos da floresta. O título expressa uma ideia de forma geral e universal, que não está atribuída a nenhum locutor em particular. O uso da flexão do verbo ser no presente simples, corresponde a alto grau de modalidade epistêmica, e confere sentido de certeza ao que é dito.

O principal elemento visual, destacado pelo seu tamanho relativo e posicionamento central, é a figura de uma onça. O tamanho e centralidade sugerem que a onça é o principal participante representado. A inclinação do corpo da onça e seu olhar dirigido à água reforça a ideia de uma ação na qual esta realiza uma ação contínua no tempo, beber água no rio, que reforça a dependência dos animais em relação aos recursos da floresta. Em outras palavras, se, por um

lado, a centralidade sugere que o valor informativo está na imagem da onça (e no que ela representa), sua estruturação reforça uma conexão entre os elementos da imagem. O corpo da onça é representado por meio de características gráficas que conferem um caráter realista e naturalista. Metade da sua imagem corresponde a um animal vivo e metade a um esqueleto, o que alude a uma parte viva e a uma parte morta. Tal contraste sugere um estado ambivalente, que simboliza o perigo de extinção. A onça-pintada, conhecida cientificamente pelo nome de *Panthera onca*, exerce um importante papel na manutenção do equilíbrio de um ecossistema, porém, há uma alta probabilidade de ser extinta nas próximas décadas (GALETTI et al, 2013), visto que sua população já se apresenta em tamanho reduzido em seu habitat, o que justifica uma campanha que problematize a questão de animais em extinção. Pode-se dizer assim que a imagem combina elementos conceituais (que simbolizam o risco de extinção de animais pelo desmatamento) e narrativos (relativos a ações do animal – ou à impossibilidade delas).

O plano de fundo, na sua maior parte, retrata a floresta com cores vibrantes e iluminadas, de forma a simbolizar sua diversidade e esplendor, numa representação que alude à biodiversidade. É importante lembrar que a biodiversidade é formada por todos os seres vivos, e questionar em que medida a imagem contribui, ou não, para a percepção de que os vegetais e os microrganismos também são seres vivos vitais ao ecossistema. A imagem enquadra a problemática do desmatamento enfatizando a extinção da espécie animal, apresentando a fauna como o foco do problema ambiental. Esta escolha estabelece uma tensão entre o título, que sugere uma visão na qual a questão ambiental envolve elementos da flora e da fauna de forma articulada e interdependente. Tal tensão também é refletida pela alusão à morte do animal, representada pelo esqueleto, e pela pujança e vida, sugerida pelas cores utilizadas na representação flora na maior parte do plano de fundo da imagem. Percebe-se aí uma relação na qual os elementos visuais e verbais abrem espaço para uma possível ambivalência ou contradição em relação a possíveis discursos e visões sobre ambiente que possam sustentar a campanha.

No terço direito da imagem percebe-se uma sutil diminuição de brilho e iluminação do plano de fundo. Aliando esta observação à análise da composição imagética, concluímos que uma leitura preferencial da imagem, como é tradicionalmente feita no mundo ocidental da esquerda para direita, enfatiza que o estado natural da floresta é de equilíbrio e diversidade, porém, que sua destruição seria algo que ocorre posteriormente (como resultado de alguma ação). De acordo com Kress e van Leeuwen (1996), à esquerda costuma-se encontrar o que é familiar ao leitor e, à direita, o novo. A imagem trata a harmonia entre flora e fauna como dada e anuncia a morte, causada pelo desmatamento.

Não há representação de atores que possam ser identificados como causadores do impacto ambiental à biodiversidade, nem que retratem dimensões científicas, tecnológicas, econômicas de processos de produção que impactem e coloquem a sobrevivência da floresta em risco. Tal ausência pode reforçar uma visão de ambiente que desconsidera o ser humano como sua parte integrante e reforça o apagamento das ações antrópicas ao ecossistema. Tampouco, problematiza aspectos sociais, para além dos aspectos ecológicos evidenciados na imagem. Além disso, nenhum possível leitor é representado no espaço gráfico ou interpelado por meio de um olhar direto de algum participante representado (no caso, a onça está de cabeça baixa, mirando a água). Esta escolha promove um certo grau de distanciamento do leitor ao principal participante representado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise de aspectos composicionais e contextuais da imagem permite construir um sentido de que o ecossistema é formado por todos os seres vivos e que de fato “a floresta não morre

sozinha”, pois além dos animais, os vegetais e os microrganismos, também correm o risco de extinção. Funciona como denúncia e alerta que, pode valorizar ações de conservação e preservação. Entretanto, não explicita aspectos que dizem respeito a ações individuais ou coletivas, nem sugere preocupações quanto a responsabilidade socioambiental de empresas e indústrias, algumas das quais são co-enunciadoras das mensagens tendo em vista a composição do conselho diretor da fundação. O enquadramento e a contextualização da questão do desmatamento são apresentados com um viés catastrofista e restrito ao âmbito ecológico, apagando dimensões sociais, econômicas e políticas das questões ambientais e promovendo uma leitura do meio ambiente relacionada a perspectivas conservacionistas.

No âmbito educacional, no que diz respeito ao potencial da imagem para discussão de questões ambientais com professores e alunos, percebemos a necessidade de práticas de leitura que articulem relações entre aspectos composicionais (representados na imagem) com aspectos sócio-contextuais na medida que estes nexos podem permitir uma ampliação das possibilidades de construção de sentidos. Neste esforço, também é importante estabelecer relações de comparação e contraste com outros recursos didáticos como documentários, fotografias, filmes, reportagens em jornais etc.

Esperamos que este trabalho permita a construção de um olhar investigativo e crítico de textos híbridos semióticos, verbais e visuais, de forma a perceber elementos das práticas discursivas e sociais que perpassam os textos imagéticos.

## Referências

- ANDRADE, J. C.; BOMFIM, A. M. Educação Ambiental e Participação: a necessária atuação nos fóruns de gestão ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 35, n. 2, 2018, p. 228-247.
- COSENZA, A.; SANTOS, L. M. F. ; ESPINET, M. ; MARTINS, I. Relações entre Justiça Ambiental, Ensino de Ciências e Cidadania em Construções Discursivas Docentes. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 14, n. 2, 2014, p. 89-98.
- FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse**. Abingdon: Routledge, 2003.
- GALLETTI, M; EIZIRIK, E; BEISIEGEL, B; FERAZ, K; CAVALCANTI, S; et al.; Atlantic Rainforest's Jaguars in Decline; American Association for the Advancement of Science; **Science**; v. 342; n. 6161; 2013; p. 932-932.
- GUIMARAES, M. Pesquisa e processos formativos de educadores ambientais na radicalidade de uma crise civilizatória. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 13, n. 1, 2018, p. 58-66.
- JEWITT, C.; OYAMA, R. Visual meaning: a social semiotic approach. In: Van Leeuwen, T. and Jewitt, C, (Eds.) **A Handbook of Visual Analysis**. (p.134-156). SAGE Publications Ltd: London, 2004.
- KRESS G; JEWITT C; OGBORN J; TSATSARELIS C. **Multimodal teaching and learning: the rhetorics of the science classroom**. London: Continuum, 2001.
- KRESS, G. VAN LEEUWEN. **Reading images: the grammar of visual design**. London; New York: Routledge, 1996.
- LEMKE J "Multiplying meaning: Visual and verbal semiotics in scientific text." In J. R. Martin & R. Veel (Eds.), **Reading science: Critical and functional perspectives on discourses of science**. London: Routledge, 1988.
- MARTINS, I.; JANSEN, M ; ABREU, T. B. ; SANTOS, L. M. F. Contribuições da análise crítica do discurso para uma reflexão sobre questões do campo da Educação Ambiental:

olhares de educadores em ciências. **Pesquisa em Educação Ambiental (UFSCar)**, v. 3, 2008, p. 129-154.

MINAYO, M. C. S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v. 5, n. 7, 2017, p. 01-12.

PICCININI, C.; MARTINS, I. Comunicação multimodal na sala de aula de ciências: construindo sentidos com palavras e gestos. **Ensaio: pesquisa em ensino de ciências**. Belo Horizonte, MG, v. 6, n.1, 2004, p. 1-14.

SILVA, M. M. P; ALMEIDA, D. B. L. Linguagem Verbal, Linguagem Visual: Reflexões teóricas sobre a perspectiva Sócio-Semiótica da Linguística Sistêmico-Funcional. **Odisseia**, v. 3, n. 1, 2018, p. 36-56.

VAN LEEUWEN, T. **Introducing Social Semiotics**. London: Routledge, 2005.

VIEIRA, J; SILVESTRE, C. **Introdução à Multimodalidade: Contribuições da Gramática Sistêmico-Funcional Análise de Discurso Crítica, Semiótica Social**. Brasília, DF: J. Antunes Vieira, 2015.